

PIÁ na eSCuTA: Proibido não tOCAR!

Dulcimarta Lemos Lino

UFRGS (Faculdade de Educação)
<https://orcid.org/0000-0002-1195-1683>
dulcimartalino@gmail.com

Eduardo dos Santos Cunha

UFRGS (Instituto de Artes)
<https://orcid.org/0009-0002-9721-4576>
dudacunha.rit@gmail.com

Paula Cristiana Emcke

Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo
<https://orcid.org/0009-0001-3156-8737>
paulinhaemcke@gmail.com

Resumo

O artigo se detém na potência de estar à escuta como modo estésico de coexistir no mundo. Tocar para saber! Surge no percurso de formação continuada em educação musical constituída desde a universidade com acadêmicos, docentes e crianças na escola pública de educação infantil. A interlocução com a Arte Sonora permite afirmar a música em estado de encontro como gesto poético de conversações em criação: jogo entre o som e o sentido. Envolve adultos e crianças na composição artesanal de tempos e espaços de eScUtA na escola para sublinhar “tudo é coisa musical” e “todos somos músicos”. Compreende a escuta como movimento que TOCA, possibilidade de ressonância lúdica que produz sentidos em presença, numa temporalidade na qual a surpresa e o inesperado podem acontecer e tecer mundos: exercício da imaginação.

Palavras-chave: Educação Musical na Educação Infantil. Música e infância. Arte sonora na escola.

<http://dx.doi.org/10.33054/MEB131601>

Recebido: 31/07/2023

Aprovado: 26/08/2023

PIÁ LISTENING: it is forbidden not to touch!

Abstract

This article focuses on the power of listening as an aesthetic way of coexisting in the world. Tap to find out! It arises in the course of continuing education in music education formed from the university with academics, teachers and students from the public school of early childhood education. Interlocution with Sound Art makes it possible to affirm music in a state of encounter as a poetic gesture of conversations in creation: a game between sound and meaning. It involves adults and children in the handcrafted composition of listening times and spaces at school to underline “we are all musicians” and “everything is musical”. It understands listening as a movement that TOUCHES, a possibility of ludic resonance that produces meanings in presence, in a temporality in which surprise and the unexpected can happen and weave worlds: exercise of imagination.

Keywords: Music education in early childhood education. Music and Childhood. Sound Art at school.

OHHHHH CUTAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!

OHHH CUTAAAAAAAAAAAA!!!!

o galo!!!!

a porta!

as folhas.... do pátio!

a menina selvagem!!!!

na Caixa de Som!!!! (Isaac, 5 anos)

Isaac (4a6m) convida seus pares a escutar o som da “menina selvagem” dentro da “Caixa de Som” (Lino, 2018). OHHHH... CUTAAA-AA!!! É o som do sentido que ressoa encarnado no corpo do **PIÁ**. Sendo uma expressão típica do sul para se referir às crianças, **PIÁ na eSCuTA** narra os processos lúdicos de troca movimentados em coletivos que se deixam contagiar e ser tocados pelo mundo! O convite vem de Isaac: oh cutaaaa! Vocativo preciso que nos interpela: Presta atenção! Abre os ouvidos! Exercita a ginástica da escuta! Vem comigo habitar esse lugar de prazeres acústicos! Vem ser ARTE SONORA!!



Foto 1: Oh Cuta!! (Isaac, 4a6m) Escola Municipal de Educação Infantil
Fonte: Lino, 2018.



Foto 4: Taina (2a1m) experimenta a Caixa de Som
Fonte: Lino, 2018.

Nosso primeiro passo?!

1) Experimente Arte Sonora!

Ao compreender que “aprendemos a ouvir de acordo como o material sonoro a que estamos expostos” (Lazzetta, 1997, p.32), aproximar adultos e crianças da Arte Sonora provocou deslocamento no conceito de Música-Som-Ruído, incorporando em nossas conversações as grandes modificações conceituais instauradas no discurso musical a partir do século XX. Ao mesclar música, artes plásticas e arquitetura, a Arte Sonora “é considerada investigação sobre o som através do próprio som, que, como suporte da obra, se torna simultaneamente objeto e reflexão” (Romano, 2009). Ato político que interpõe som, imagem, espaço e tempo, rompendo com a relação palco e plateia porque toma a audição como experiência

Foto 5: Imaginar!
Fonte: Calvo, 2018, p. 16.



corporal. Gesto intencional que pelo som invade o espaço do acontecimento, tendo a corporalidade como dispositivo indispensável à escuta, improvisação e criação. Habitar. Fazer-se casa. Ouvir e tocar ruídos, máquinas, objetos, instalações e esculturas sonoras, participar de intervenções urbanas são algumas formas de viver Arte Sonora (Campesato, 2007).

Então, experimente! Que tal um banho nos “Chuveiros Sonoros” do artista visual e sonoro Floriano Romano (2009)? A instalação faz parte da exposição “Sonar”, onde o artista coloca o ruído em pé de igualdade com o resto das sonoridades tradicionalmente identificadas como musicais. Tome seu banho. Abra a torneira e ouça anônimos cantando.



Foto 6: Chuveiros sonoros (Floriano Romano, 2009. 7ª Bienal de Arte do Mercosul: grito e escuta)
Fonte: Romano, 2009.

Podemos também velejar nas sonoridades das sementes brasileiras de Ernesto Neto (VOLZ, 2019) envoltas em tramas de crochê. Na obra “Velejando entre nós”, o artista evoca formas orgânicas vivas para escutar o corpo coletivo social. Suas obras tocam e abrigam o corpo indígena e africano que mora em nós. De forma silenciosa e contundente as obras perguntam: podes me ouvir? Escutar? Abraçar? Convite a movimentar nossa incapacidade de escutar o silêncio, de permanecer permeável e de expressar o que se manifesta em nosso inconsciente. Dê corpo ao indizível: o som.



Foto 7: Velejando entre Nós (Ernesto Neto, 2019)
Fonte: Volz, 2019.

Foto 8: As crianças velejando também.
Fonte: USINA, [s.d.].

Ao experimentar Arte Sonora, vamos entendendo que:

“TUDO É COISA MUSICAL”



Foto 9: Hermeto e a chaleira
Fonte: Mário Moreno, 2008. <https://flic.kr/p/4F4Sqs>

A frase é de Hermeto Pascoal, músico brasileiro, autodidata e compositor que tem sua carreira relacionada fundamentalmente à capacidade de extrair música de qualquer coisa. Uma chaleira, um pano de prato, sua barba, o liquidificador. O “mago louco por som” repete em diferentes entrevistas que **“tudo é som”** (Pascoal, 2000). “Há uma musicalidade natural em tudo! Sempre tem novidade, eu me arrisco mesmo! E sai!!!” (Pietroforte, 2006, p.45). Experimentar esse “banho sonoro” no cotidiano escolar exige um tempo e espaço de escuta destituído de fôrmulas e fórmulas prescritivas onde o som possa acontecer acusticamente.

Tanto o experimentalismo sonoro como a estética criada por Hermeto Pascoal sustentam seu conceito de “música universal”. Para o compositor, “todo o mundo dos sons pode ter seu lugar na música, e todas as influências devem ser admitidas e exploradas. A música está em todo o lugar, em qualquer que seja o timbre, qualquer que seja o ritmo, qualquer que seja o procedimento, em qualquer forma” (Pietroforte,

2006, p.5-6). Assim, o ranger de um metal, o apito de uma chaleira ou nosso batimento cardíaco podem dar música. Aliás, “só não toca quem não quer” (Pascoal, 2000). Sem separações ou fronteiras, sons cotidianos urbanos, rurais, músicas de uma multiplicidade de estilos e formas, de distintos instrumentos e/ou objetos sonoros podem ser usados pelo “bruxo dos sons”, para interrogar a própria música e a hegemonia da indústria cultural.

Como Hermeto, o laboratório sonoro-musical do luthier Augusto Vargas² compartilhado com as crianças na escola pública persegue fios de silêncio e não se cansa de tocar, repetir, contemplar e “estar à escuta” (Richter; Lino, 2019) da indissociabilidade entre o novo e o premeditado, a criação e a reprodução, a autoria e a originalidade, a intuição e a razão. Tocamos e somos tocados pela **eScUTa**. Gesto poético que nos toca, nos expõe, nos envolve, flui em nós porque ressoa “perto da palavra vida, ou melhor, de um modo mais preciso, perto da palavra existência (...) um modo de habitar o mundo” (Larossa, 2015, p. 43).

2. Augusto Vargas é luthier do PIÁ (Programa de Extensão da FAGED/UFRGS) e ceramista. Aluno do curso de Artes Plásticas na UFRGS.



Foto 10: Objetos do laboratório sonoro-musical do luthier Augusto Vargas: “Pinga-pinga” e “Conduíte”.
Fonte: Lino, 2020

Foto 11: Três esculturas de VIBRA: Estaciones Sonoras
Fonte: Calvo, 2018, p. 12; 15; 20.



2) Conheça Projetos de Arte Sonora

Os inúmeros projetos de Arte Sonora idealizados à infância ao redor do mundo têm sublinhado que a escuta, como saber da experiência, “não é música, é vida” (Zé, 2009, p.313). Assim, no exercício de escuta é **PROIBIDO NÃO TOCAR**. Os PIÁs querem escutar o mundo para **Tocar sua Imaginação**. Ouvir com a mão, escutar com o olho, ver de corpo encantado o som!

Importante sublinhar que nesse movimento, as crianças não querem **fazer música**, mas **SER MÚSICA!**

Visite VIBRA: Estaciones Sonoras (Calvo, 2018), o maravilhoso parque idealizado pelo argentino Julio Calvo e equipe. Músico, luthier, investigador e professor na Universidad Nacional de las Artes (UNA) em Buenos Aires (Departamento de Artes Musicales e Sonoras), Calvo é destaque no cenário internacional por incontáveis trabalhos dedicados à infância, especialmente como fundador do Movimiento de Música para Niños e Niñas (MOMUSI) e diretor do grupo Los Musiqueros.

Ao conversar sobre o cinestésico parque sonoro que coletivamente cria, Calvo declara: “nosso parque parte do conceito de que todos, como ouvintes, como executantes, somos músicos. Cada um de nós tem a capacidade de brincar, interagir e relacionar-se com o som” (Calvo, 2021, p.1). Nosso parque “conta com esculturas sonoras de fácil execução e excelente qualidade acústica, aptas para serem utilizadas pelo público das mais variadas idades de forma simultânea e autônoma” (Calvo, 2021, p.1).

“TODOS SOMOS MÚSICOS”

(CALVO, 2021, p.1)

A idealização e construção de **Vibra: Estaciones Sonoras** teve início em 2015 junto a equipe formada por Júlio Calvo, Cecília Maneiro, Belén Fernández e Pablo Estevez. Formado por diferentes esculturas sonoras, o parque participou de inúmeros festivais, seminários, encontros, feiras e exposições. As esculturas de **VIBRA: Estaciones Sonoras** são lúdicas, atraentes, com cores e formas vibrantes, produzidas de forma artesanal cuidadosa e sensível através de distintas materialidades. Julio Calvo entende que “a música é a primeira de todas as artes, aquela que se faz presente desde os inícios da vida e jamais deixará de nos acompanhar” (Calvo, 2021, p.1). Para o grupo, **VIBRA: Estaciones Sonoras** é convite “à experimentação, ao prazer de descobrir, o encanto de fazer música tanto de forma individual como compartilhada” (Calvo, 2021, p.1). Ao viver Vibra: Estaciones Sonoras as crianças se aproximam do dito de Lévi Strauss “é próprio do som o passar, o fugir, estar imutavelmente atado ao tempo e dependente do movimento” (Calvo, 2021, p.1). Ao compreender que sons são concebidos como trama e patrimônio da comunidade, Vibra: Estaciones Sonoras é encontro entre o

som, os objetos e esculturas sonoras, numa temporalidade na qual a surpresa e o inesperado podem acontecer e tecer mundos: exercício da imaginação. Brincar, explorar, buscar, encontrar, disfrutar, enxergar, imaginar, viver o tempo de sentir sonoridades e experimentar materialidades são verbos destacados por Calvo (2018) no material de divulgação do parque.

Conheça **PROIBIDO NÃO TOCAR!**

Instalação sonora construída dentro da escola pública de educação infantil. Ao colocar em relação distintas materialidades que as crianças têm interesse em manusear e curiosidade em habitar, fomos entendendo o espaço sonoro da escuta infantil. Essencialmente lúdica, tátil e coletiva “Proibido não tocar” (Bittencourt; Lino, 2014) é tempo de sentir sonoridades. Compartilhamos um dos objetos sonoros dessa instalação, a cortina de sementes. As crianças coletaram as sementes no pátio escolar durante o outono. Raspam e furaram cada uma delas nas duas pontas. Colocaram argolinhas. Uniram as cascas com as argolinhas e fixaram no suporte. Ficou assim!

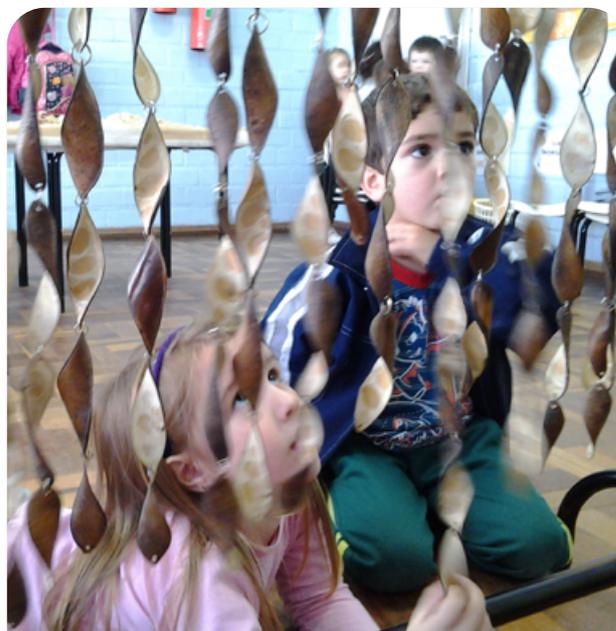


Foto 12: Cortina de sementes
Fonte: Bittencourt; Lino, 2014, p. 292.



Foto 13: Brincar na cortina de sementes
Fonte: acervo dos autores.

Explore distintos CANOS experimentando seu tamanho, espessura, densidade, textura, etc! Com eles construímos uma coleção de Idiofones e um Painel Sonoro:



Foto 14: Idiofones na Sala de Aula: Escuta!
Fonte: acervo dos autores.

Explore o projeto **“Parques Sonoros da educação infantil paulistana”** (São Paulo, 2016). Desenhado na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo com foco na formação continuada de professoras em educação infantil, os **Parques Sonoros** foram construídos com o objetivo de “proporcionar aos bebês e crianças a expressão do seu imaginário e o prazer de descobrir e inventar novos sons” (São Paulo, 2016, p.8). O projeto realiza a formação docente in locus, buscando “ressignificar e problematizar conceitos de música, instrumentos musicais e escuta musical” (São Paulo, 2016, p.9).



Foto 15: Parques Sonoros
Fonte: São Paulo, 2016, p. 62; 64. Fotografias de Maria Conceição.

Para compor os **Parques Sonoros** o grupo experimentou a produção de “cotidiáfonos”, isto é, instrumentos sonoros não convencionais e/ou alternativos-recicláveis produzidos com objetos e materiais de uso cotidiano, sem um feitiço específico mas, que potencializem a produção de som mediante simples mecanismos de acionamento” (Akoschky, 1988, p.3).

O termo **COTIDIÁFONOS** foi criado por Judith Akoschky, educadora musical argentina com intensa atuação na formação de professores. A educadora produz extensa literatura com proposições pedagógicas que desafia e exercita a escuta e as práticas criativas na infância. Akoschky compreende que a relação entre as sonoridades e a confecção de “cotidiáfonos” deve partir de sons que são familiares às crianças (íntimos), aproximando-se da experiência de criação e percepção da paisagem sonora.

Akoschky (2017) sublinha que a produção de cotidiáfonos dentro da escola pública necessita envolver um processo contínuo de construção, desconstrução e reelaboração. O que tem exigido do educador tanto acompanhar com persistência o processo de exploração dos cotidiáfonos pelas crianças quanto selecionar e promover modos de intervenção sonora que provoquem e ampliem a escuta do grupo.

3) Ensaie Arte Sonora!

Ensaie espaços com design específico para habitar acontecimentos sonoros antes de apresentá-los às crianças. Teste em grupo sua invenção. Lembre, escutamos de forma diferente. Construa miniaturas sonoras. Por exemplo, recolha muitas folhas secas e faça um grande tapete de folhas. Caminhe sobre o tapete escutando suas pegadas. Ensaie esta sensação. Se deixe atravessar pelas sonoridades do outro. Escute a relação que se trama.

SOMOS CONDENADOS à ESCUTA!!!! E podemos, (se a escola deixar?!), nos arriscar a compor e/ou acolher acontecimentos sonoros, distantes do modelo mandatário da governabilidade musical. Crie intimidade com o exercício de escuta.

Conheça Caixa de Som (Lino, 2018) montada e desmontada em diferentes espaços internos e externos da universidade e das escolas públicas como aposta no exercício de escuta. **Caixa de Som** convida adultos e crianças a construir possíveis trajetos de escuta, composição e produção sonora para escutar a paisagem sonora que nos rodeia.

Foto 16: Caixa de som
Fonte: Lino, 2018.



Foto 17: Falar e escutar na Caixa de Som
Fonte: Lino, 2018.

Nossa Caixa de Som foi construída sob estrutura de canos de PVC coberta com tecido preto e forrada com cortina blecaute. A instalação é o oposto de uma caixa de som usual, nos colocamos dentro da caixa para perceber sons. Assim, o som não vem dela, vem de fora. Como que num “estado reverso”, nossa instalação ressoa a paisagem sonora que nos cerca. Como são as paisagens sonoras que nos envolvem?

Caixa de Som é convite à escuta de nosso ambiente acústico íntimo. Durante a experimentação também sentimos a necessidade de produzir e manipular materialidades sonoras para provocar a escuta dos participantes. Gravamos e editamos nossas criações musicais de forma eletrônica. Além disso, colocamos um duto que liga o exterior e o interior da caixa, ampliando nossa percepção.

Perguntamos:

Oi!

O que você diria para uma Caixa de Som?

Geralmente uma caixa de som emite sons. Mas e se pudesse ser ao contrário? O que você faria se fosse você que emitisse os sons para a caixa de som? Aqui você tem a oportunidade de testar isso com nossa caixa de som vivificada.

Neste movimento o grupo de acadêmicos e professores aceitou a tensão, a ressonância, e pôs-se em imersão. Pronto aprendemos que colocar **a música em estado de encontro** é interlocução prática em torno da experiência de habitar a linguagem brincando. Requer expor corpos no som com **assiduidade e continuidade** para criar intimidade com os processos de escuta e criação. Experimentar a música em estado de encontro não é prescrição de atividade pedagógica ou receita brincante para ensinar um conteúdo musical, ou fixar concepções teóricas emolduradas. Tampouco pretende desenvolver competências, adquirir destreza ou preparar os alunos para um fazer musical futuro.

Tocar a “**MÚSICA EM ESTADO DE ENCONTRO**” é brincar e jogar com sons. Ação lúdica que se **expõe e se impõe** pela disponibilidade à escuta do outro e o desejo de estar com, entrar em “conversação” (Cage, 2015); produzindo feitura corporais que se exercitem na potência coletiva de interrogar o mundo.

A construção do projeto **Caixa de Som** teve a duração de um ano letivo na universidade para depois, encontrar a escola públi-

ca. Processo no qual nos disponibilizamos a escutar sons destituídos de uma fôrma fechada com ordem, progressão, cadência ou trajetória a cumprir. Buscamos nos apropriar e apreender as materialidades da paisagem sonora que nos faziam sentido. Definir um Roteiro de Navegação a percorrer com espaços e sonoridades contrastantes facilitou a intensificação de nosso exercício. Ter a Faculdade de Educação, nossa casa, como ponto de partida e chegada também contribuiu para fortalecer a continuidade do processo de partilha e partição do espaço sonoro experimentado.

Logo, inventar e ensaiar a Caixa de Som na escola pública potencializou o movimento de aproximação de um rótulo, Arte Sonora e de nossa enorme consciência acerca da complexidade e pluralidade envolvidas nesse conceito. Entregues à potência “inútil” do devir, enfrentamos o desafio de criar intimidade com os processos de escuta e criação musical que em coletivo experimentamos. Ressonância lúdica que produziu sentidos em presença, numa temporalidade onde imaginar outras possibilidades de estar no mundo, outros modos de convivência entre as pessoas e delas com

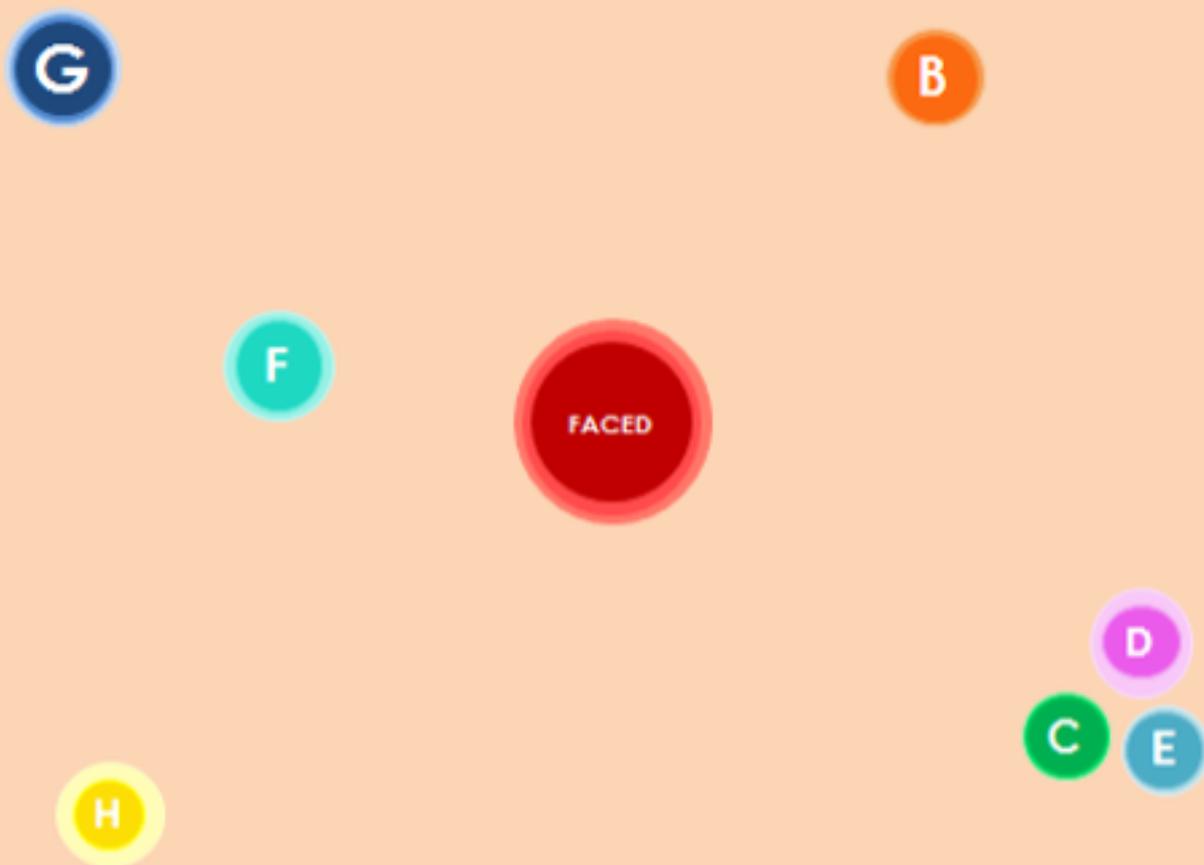


Foto 18: Roteiro de Navegação (Mapa Sonoro)

A: Faculdade de Educação (UFRGS); B: Escola de Engenharia (UFRGS); C: Pinacoteca Santo Ângelo (UFRGS); D: Sala Fahrion (UFRGS); E: Laboratório de Música Eletrônica (UFRGS); F: Salão de Atos da Reitoria (UFRGS); G: Rádio da Universidade (UFRGS); H: Museu da UFRGS.

Fonte: acervo dos autores.

as sonoridades, pôde sublinhar o potencial da escola pública. Exercício de imaginação que, ao colocar o corpo singular e coletivo no som, redimensiona nossa disponibilidade à escuta em comunidade: potência emancipatória!



PARA LEMBRAR:

“Comece em qualquer lugar” (Mau, 2000, p.88). John Cage nos diz que não saber por onde começar é uma forma comum de paralisia.

A experimentação é puro gesto de To-car e ser Tocado pelo mundo. **Selecione as materialidades sonoras** lembrando de convidar as crianças a:

- a) multiplicar gestos: bater, friccionar, acariciar, esfregar, esticar, socar, sovar, trombar, fechar, esmurrar, deslizar, soprar, etc.;
- b) explorar corpos distintos: madeira, metal, água, ferro, lata, pedra, vidro, papel, plástico, couro, computador etc.;
- c) deslocar modos de expressão: triste, alegre, melancólico, feliz, humorado, irônico, fúnebre, emotivo, apaixonado, impulsivo;
- d) provocar o meio de vibração sonora: disponibilize materialidades muito grandes, muito pequenas, médias, toque em meios líquidos, sólidos, varie a temperatura, explore a multiplicidade de aparatos digitais.

As surpresas fazem parte do convite à escuta: como podemos guardar o mar no bolso? e o vento? Idealize instalações ou esculturas sonoras que, como lentes de aumento, possam ajudar as crianças a colocar em primeiro plano as riquezas auditivas do cotidiano.



Foto 19: Escultura de VIBRA: Estaciones Sonoras
Fonte: Calvo, 2018, p. 14.

Toque pra escutar!

OHHHHHHH CUTAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

eSCUTE eSCUTE eSCUTE eSCUTE eSCUTE eSCUTE!!!

Autores(as)



Dulcimarta Lemos Lino

dulcimartalino@gmail.com

Doutora em Educação, Mestre em Educação e Licenciada em Educação Artística: habilitação em Música. Professora de Educação Musical no Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Departamento de Estudos Especializados. Coordenadora do Grupo de Pesquisa ESCUTA POETICA (FACED/UFRGS) que investiga a música na escola pública da infância. Diretora Musical do Piá, Programa de Extensão da FACED/ UFRGS que realiza concertos e oficinas musicais em territórios educativos. Em 1991 cria o Espaço de Criação Musical, escola de música em Porto Alegre que tem como tônica da ação pedagógica os processos de escuta e criação na poética de barulhar. Experiência destacada na formação de professores e musicalização infantil. Diretora Musical. Pianista.

<http://lattes.cnpq.br/3836428588243028>

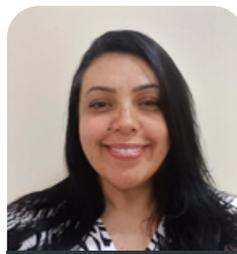


Eduardo dos Santos Cunha

dudacunha.rit@gmail.com

Percussionista, Arte Educador e compositor de trilhas sonoras para teatro e dança. Atua como percussionista nas aulas e workshops da bailarina e professora Roberta Campos com danças populares brasileiras e dança Afro Brasileira. Faz parte do Tributo a Fela Kuti com o músico Idowù Akinrulé (Nigéria). Acompanha a bailarina Ana Medeiros e Hiroshi Nishiyama (Japão) em trabalhos de pesquisas e apresentações de Butoh. Músico

da banda Chimarruts e da banda MOIO (música instrumental). Bolsita de Iniciação Científica do Projeto Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação (FACED/UFRGS). Percussionista e pesquisador da música brasileira no Piá, Programa de Extensão da UFRGS. Acadêmico de Música Popular no Instituto de artes da UFRGS.



Paula Cristiana Emcke

paulinhaemcke@gmail.com

Contadora de histórias, professora da rede pública municipal atuando com a Educação Infantil e Anos Finais do Ensino Fundamental. Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Especializada em Educação Infantil e Séries Iniciais com ênfase em Ludopedagogia e Literatura Infantil. Pesquisadora da música na infância no Escuta Poética (FACED/ UFRGS). Integrante da pesquisa Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação (Lino, 2022). Colaboradora no Ponto de Cultura Biguá (Guaíba/RS). Atua na formação de professores na área de literatura, culturas ancestrais e música brasileira.

<http://lattes.cnpq.br/2217759436442572>

Referências

AKOSCHKY, Judith. *Cotidífonos*: instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Ricordi: Buenos Aires, 1988.

AKOSCHKY, Judith; *Experiencias Musicales em el nivel inicial*: vários temas, varias vocês. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2017.

BITTENCOURT, Ariane Carolina Boscardini; LINO, Dulcimarta Lemos. Proibido não tocar: uma instalação sonora na escola de educação infantil. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.22, n.1, p.283-306, abr. 2014. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/4634/3245>>. Acesso em: 08 mar. 2020.

CAGE, John. *Musilage*: palavras. John Cage em conversa com Joan Retallack. Rio de Janeiro: Numa, 2015.

CALVO, Julio Ernesto. [2015] *Vibra: Estaciones Sonoras*. Catálogo de Exposição. Buenos Aires, 2018.

CALVO, Julio Ernesto. Relato: *Vibra: Estaciones Sonoras*. [Informação concedida a Dulcimarta L. Lino por meio digital]. Janeiro, 2021.

CAMPESATO, Lilian. *Arte Sonora*: uma metamorfose das musas. CMU. São Paulo: USP, 2007.

IAZETTA, Fernando. A música o corpo e as máquinas. *OPUS*. Revista Eletrônica da ANPPOM, Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música. Rio de Janeiro, v.4, n.4, ago 1997 (p.27-44). Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/36> Acesso mar. 2023.

LAROSSA, Jorge. *Tremores*: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldí. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LINO, Dulcimarta Lemos (Org.) *Caixa de som*. 1 DVD (Coleção Pedagogia e Música). Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/wBzanYDCIww>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LINO, Dulcimarta Lemos (Org.) *Libretos de Criação II*. 1 DVD (Coleção Pedagogia e Música). Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2020. Acesso em: 31 jul.2020

LINO, Dulcimarta Lemos; OLIVEIRA, Márcia Lague de. *Arte Sonora na Escola*. Livro publicado no Projeto de Pesquisa Educação Musical na Formação de Professores dos Cursos de Graduação em Pedagogia Gaúchos. Porto Alegre: Nicephotos, 2020.

MAU, Bruce. *Life Style*. London, New York: Phaidon, 2000.

PASCOAL, Hermeto. *Calendário do som*. São Paulo: SENAC-Itaú Central, 2000.

PIETROFORTE, A. V. [2004]. *Semiótica Visual: Os Percursos do Olhar*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROMANO, Floriano. *Catálogo 7ª Bienal do Mercosul*: grito e escuta / Artur Lescher ... [et al.]; tradução de Gabriela Petit ... [et al.]. – Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta Lemos. Estar à escuta: música e docência na educação infantil. In: *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v.15, out. 2019, pp.01- 24. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5120/512059810033/movil/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Divisão de Educação Infantil. *Parques Sonoros da educação infantil paulistana*. São Paulo: SME/COPED, 2016.

SCHAFFER, Murray. [1986] *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: UNESP (Editora da Universidade Estadual Paulista), 1991.

USINA encontra a obra de Ernesto Neto. Colégio São Domingos, [s.d]. Disponível em: <https://www.sdomingos.com.br/site/index.php/leituras/leituras-indicadas/87-usina-encontra-ernesto-neto>. Acesso em: 29 nov. 2023.

VOLZ, Jochen et all. *Ernesto Neto*: sopro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

ZÉ, Tom. [2003] *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2009.

